



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**NEILA ROSAS**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

<b>ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE</b>
---

**Entrevistada:** Neila Rosas

**Entrevistadora:** Mariana Cristina Borges Novais

**Local da entrevista:** Santos Dumont, Minas Gerais

**Data da entrevista:** 13/02/2017

**Processamento da Entrevista:** Mariana Cristina Borges Novais

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Páginas Digitadas:** 9 páginas

**Número da entrevista:** E-783

**Data da autorização para publicação no Repositório:** 30/04/2019

**Informações complementares:**

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Mariana Cristina Borges Novais intitulada **À beira do gramado ou fora do jogo?: As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil** apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em junho de 2018.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>
---

Santos Dumont, 13 de fevereiro de 2017. Entrevista com Neila Rosas a cargo da entrevistadora Mariana Novais para a dissertação de mestrado.

**N.R.** – “Meu nome é Neila Rosas, tenho quarenta e nove anos. Brasileira, natural de Cruzeiro do Sul, Acre. Solteira e não tenho filhos. Eu sou formada em Gestão Pública e agora curso Educação Física. Trabalho como Servidora Pública com carga horária de seis horas semanais”.

**M.N.** – Eu vou começar lhe perguntando... Eu queria que você me contasse como foi sua relação com o esporte desde a sua infância.

**N.R.** – Olha, eu venho de uma família que sempre gostou de praticar esporte. Meus irmãos quando eram pequenos sempre me levavam para jogar futebol, eles jogavam futebol profissional e sempre me levavam com eles para assistir. Foi aí que eu comecei a gostar de esporte.

**M.N.** – Durante a sua juventude isso persistiu?

**N.R.** – Sim, sim. Toda a minha juventude, adolescência e tudo. Tudo foi praticando esportes.

**M.N.** – Bacana. E além dos seus irmãos, existia mais alguém marcante para você no sentido de te incentivar?

**N.R.** – Não. Só os meus irmãos mesmo.

**M.N.** – Só os seus irmãos. E por quem você foi treinada? Tanto na infância quanto na juventude.

**N.R.** – Na verdade na infância eu fui treinada pelos meus irmãos. Eu ia pro gol enquanto eles ficavam chutando [riso].

**M.N.** – Entendi. Então você era goleira? Ou não, depois você foi para a linha?

**N.R.** – Não, não, não, não. Depois eu fui jogar na linha. Goleira era só para ser cobaia deles.

**M.N.** – Entendi. E eles faziam isso porque não queriam dar espaço para você na linha? Por que isso acontecia de você ficar só no gol?

**N.R.** – Eu acho que é porque não tinham pessoas que fossem para o gol e me colocaram ali [riso].

**M.N.** – Entendi. E já na juventude? Você teve vivência com outros treinadores?

**N.R.** – Olha, na verdade aqui, o futebol feminino veio a ter mais ênfase assim e mais treinador, de uns tempos para cá. Não era... Antes fazia um time e cada um por si jogava sem ter treinador nenhum. Agora de uns tempos para cá é que está melhorando. Que está aparecendo gente mais interessada, querendo treinar.

**M.N.** – Então, vivência com treinadora mulher você também não teve nenhuma?

**N.R.** – Não, não. Nenhuma.

**M.N.** – Entendi. E quando você jogava, como as pessoas enxergavam a sua participação no futebol?

**N.R.** – Olha, eu não era das melhores, mas também não era das piores não [riso].

**M.N.** – E que tipo de comentários você ouvia das pessoas em geral?

**N.R.** – Ouvia sempre comentários de que “Futebol não é para mulher”, que “Mulher é sexo frágil e não dá para jogar futebol”, comentários sempre esses. Sempre com discriminação!

**M.N.** – Discriminação. Você se recorda de alguma situação de preconceito que tenha sofrido e queria destacar?

**N.R.** – Olha, inclusive atualmente ainda existe esse preconceito. Eu, inclusive, eu estou até sendo acionada na justiça por um rapaz que é técnico de um time adversário daqui que ele... Ele é técnico no futsal e a gente estava jogando a seletiva para a Copa do Brasil e ele estava lá na arquibancada... É... Xingando as minhas jogadoras, chamando como sempre chamam de... De sapatão, essas coisas. E quando terminou o jogo eu fui lá e dei um empurrão nele e ele me colocou na justiça por isso. E agora está na justiça rolando. Ele está me acionando por lesão corporal e eu estou entrando na justiça por discriminação também. E ele é técnico de time feminino [riso].

**M.N.** – É [riso]. Um pouco complicada essa questão. E como você iniciou sua carreira como treinadora?

**N.R.** – Olha, eu... Eu tive uma lesão no joelho. Jogava no time, tive uma lesão no joelho daí eu parei de jogar. O técnico desse time que eu participava, que eu jogava, me convidou para ajudar ele. Daí eu comecei no futebol de campo. Quando apareceu o futebol feminino aqui no futsal aí eu resolvi fazer... Tomar conta do time de futsal. Ele tomando conta no campo e eu no futsal. Daí que eu comecei a exercer a função de técnica.

**M.N.** – Entendi. É depois sua transição do futsal até chegar ao campo houve alguém que te ajudou a se inserir?

**N.R.** – Sim, sim. Tem o meu ajudante de campo que sempre está comigo me ajudando sempre.

**M.N.** – Entendi. Mas para você começar no campo, como foi essa transição sua de treinadora da quadra para o campo?

**N.R.** – [Silêncio]. É porque na época, eu... Geralmente o homem não sabe comunicar muito com as mulheres. E eu achava dificuldade nisso, então eu comecei a me impor

mais, tomar mais a frente do time de campo e vi que as meninas davam mais certo comigo do que com ele. Aí que eu comecei a tomar mais conta do time de campo.

**M.N.** – Entendi. E você enfrentou alguma dificuldade no início da carreira perante família, amigos, a própria comissão técnica ou as atletas?

**N.R.** – Ah, é... Não. No começo a família sempre fala alguma coisa né. “Você se dedica só ao futebol, não cuida da vida pessoal”, essas coisas. E na comissão técnica não. Na comissão técnica do meu time eles acharam até bom eu me envolver mais no futebol de campo porque é uma questão de comunicação com as meninas.

**M.N.** – Entendi. E você citou a questão da vida pessoal, hoje em dia como se dá a conciliação entre essa vida no futebol e a vida pessoal?

**N.R.** – Hoje em dia já está mais tranquilo. Foi só no começo mesmo que falavam muito mas hoje em dia está mais tranquilo, viram que é isso que eu quero mesmo, que eu gosto é disso mesmo, que é nisso que eu me realizo aí deixaram de mão.

**M.N.** – Entendi. E você consegue conciliar bem também essa profissão de treinadora com a outra profissão que você exerce?

**N.R.** – Consigo sim. Graças a Deus os... As pessoas que eu trabalho aceitam isso e nos dias que tem jogos ou então quando é necessário a gente sair do Estado eles me liberam.

**M.N.** – Bacana. Isso é ótimo. E até a respeito de vocês saírem do Estado, esses jogos... Queria que você falasse um pouquinho da sua trajetória no clube, se você já passou por outros locais... Como é sua trajetória profissional nesse sentido?

**N.R.** – Olha, como eu falei o futebol feminino aqui no Acre não tem muita ajuda. A gente aqui... A gente tem que tirar do próprio bolso. Nós como dirigentes, como atletas temos que tirar do próprio bolso. Então para viajar fica muito difícil. Nós participamos de... Nós participamos da Copa do Brasil ano passado e foi com muita dificuldade mesmo, porque

a gente tinha até que tirar dinheiro do bolso para levar algumas atletas, comprar material sabe, essas coisas. E aqui não tem como... Muita saída para jogar fora do Estado. Se não for a Copa do Brasil ou então o Brasileiro de Futsal também que nós participamos em Goiânia, senão for isso ou a gente não fizer uns jogos assim tipo amistoso, não tem.

**M.N.** – Entendi. E o que você considera como importante para o sucesso da carreira de uma treinadora?

**N.R.** – Olha, a gente tem que primeiro de tudo estudar. Sempre estar se aprimorando, sempre estar vendo as novidades e acima de tudo ter paciência e força de vontade [riso] [pausa]. Porque o futebol feminino já é discriminado e é muito difícil ter uma técnica no feminino.

**M.N.** – E o que você pensa sobre essa dificuldade? Por ser o futebol de mulheres, como você enxerga essa coisa de haver poucas mulheres nas comissões técnicas?

**N.R.** – Eu acho que muitas querem ser, só que tem medo da dificuldade. Não têm coragem de encarar e bater de frente e a oportunidade também que, às vezes, a... Não tem oportunidade. Para seguirem em frente. As portas, geralmente, quando é para mulheres... No futebol as portas se fecham.

**M.N.** – E você acha importante ter uma boa rede de contatos para facilitar esse acesso?

**N.R.** – Com certeza. Deveria ter mais... Mais junção das pessoas que... Tipo as mulheres que mexem, que trabalham com o futebol feminino deveriam ter mais... Serem mais juntas, terem uma relação...

**M.N.** – Se unir em torno da mesma causa?

**N.R.** – Exatamente.

**M.N.** – Entendi. E você falou sobre o estudo, eu queria que você comentasse se já fez algum curso de capacitação no futebol.

**N.R.** – Eu faço mais pela internet. Porque aqui mesmo não tem. Eu faço pela internet.

**M.N.** – E você cursa também Educação Física agora, não é isso?

**N.R.** – É. Eu estou fazendo Educação Física agora.

**M.N.** – Bacana. Você já comentou um pouco sobre as dificuldades, que aí basicamente vocês que mantêm os times. Como são as condições de trabalho, a formação da comissão técnica de vocês, o processo para você captar as atletas do seu time? Como isso acontece?

**N.R.** – Olha, a... O processo aqui é difícil. Porque aqui tem que, como eu te falei, tem que tirar dinheiro do próprio bolso, para arcar com as despesas do clube, do time. Tem que ir pela amizade mesmo para chamar a jogadora para jogar tem que ser na amizade. A comissão técnica que arca com todas as despesas do time, *tudo*. É muito difícil, aqui a dificuldade é muito grande. Tem que ter muito amor pelo que faz.

**M.N.** – Então vocês não têm nenhum vínculo trabalhista, carteira assinada, salário, nada disso?

**N.R.** – Não, não, não. Não. O máximo que a gente tem ajuda aqui é comprar um material, uma chuteira, ou dar dinheiro para pegar uma condução para ir para os treinos. O máximo que a jogadora ganha é isso.

**M.N.** – Entendi. E a relação de vocês... A sua relação com todas as pessoas que são lideradas por você, como é isso?

**N.R.** – São ótimas. São ótimas. Elas são de amizade mesmo, de família mesmo.



**M.N.** – Ótimo. Então depois que passaram as dificuldades de inserção na sua carreira de treinadora, hoje em dia para continuar exercendo essa função você não tem nenhum tipo de problema?

**N.R.** – Não, não.

**M.N.** – Bacana. E o que você diria talvez além da capacitação, que é capaz de garantir a mulher nesse meio?

**N.R.** – [Silêncio]. Olha, eu acho que deveria ter mais apoio. [Trecho inaudível]. Mais apoio nas equipes de futebol, os times de profissionais masculinos deveriam dar mais apoio pros times femininos. E até do governo.

**M.N.** Então você vislumbra boas possibilidades de ascensão na carreira de mulheres que querem ser treinadoras? De repente sair de um time menor, atingir um clube maior... Como você enxerga isso hoje, no Brasil?

**N.R.** – Olha, eu acho que está melhorando muito. A gente já vê a técnica no feminino... Hoje em dia uma mulher. Eu acho que já está progredindo muito já. Eu acho que... Que ela... Ela é... Foi uma boa da CBF ter colocado a... Ela... A técnica do futebol feminino como uma mulher porque vai dar mais vontade das outras que têm medo de seguir essa carreira, vai dar até mais coragem.

**M.N.** – Sim. E além dessa questão da CBF tem algum outro fator ao qual você atribua essa melhora que você mencionou?

**N.R.** – Eu acho que o futebol feminino querendo ou não querendo, apesar das... De umas querendo puxar para trás, está melhorando muito. *Muito*.

**M.N.** – E para você, quais são as suas expectativas futuras como treinadora?

**N.R.** – Olha, é terminar o curso de Educação Física, me aprimorar mais para tentar ir mais à frente. Evoluir mais o futebol feminino aqui no Acre.

**M.N.** – Suas pretensões então são dentro do seu próprio estado. Fortalecer a modalidade aí mesmo?

**N.R.** – É.

**M.N.** – Bacana. E nessa trajetória toda sua, tem alguma coisa que já te fez ou ainda te faz pensar em desistir disso?

**N.R.** – Ah já, várias vezes. Várias vezes já pensei em desistir, mas não dá. Quando está no sangue não dá mais [riso]. Não dá para desistir não.

**M.N.** – E por que você já pensou em desistir?

**N.R.** – Pelo... Justamente pela falta de apoio. Que não tem. Aqui não tem apoio nenhum. Apoio, a falta de apoio, a discriminação, essas coisas. Já deu vontade de desistir.

**M.N.** – As perguntas que eu tinha estruturado eu terminei. Queria saber se quer deixar algum comentário, falar sobre alguma coisa que eu não tenha te perguntado e que você ache que possa acrescentar no tema todo que a gente tratou hoje.

**N.R.** – Não. O que eu queria falar é que, é... Como todo... Todas as mulheres que participam, que fazem futebol que tivessem mais apoio. Principalmente na região Norte que é muito discriminada. Tivesse só mais apoio.

**M.N.** – Essa discriminação quem você menciona da região Norte é em qual sentido?

**N.R.** – É, tipo, vai ter o Brasileiro agora e a região Norte não entra. Pelo ranking. E isso... Essa situação do ranking... E outra, Copa do Brasil deveria ser por região. Tipo, a seletiva por região porque a gente faz aqui, joga em Porto Velho, chega em Porto Velho você pega

um time de... Do Sul, que é um dos times bem preparados, com toda estrutura. Você já perde por ali, já vai em desvantagem. Essa Copa do Brasil deveria ser por região e depois quem jogasse fosse como time de fora. Porque tem muita diferença a estrutura dos times da região Norte para a estrutura do time do Sul. Seria isso aí.

**M.N.** – Entendi. Algo mais que você gostaria de acrescentar?

**N.R.** – Não, não.

**M.N.** – Então eu te agradeço muito. Isso tudo que estamos gravando eu vou escrever, posteriormente vou reenviar a você, para você revisar e no mais, é te agradecer mesmo por toda a ajuda e a gente vai continuar se falando para trocar ideia sobre o trabalho e você ter um retorno sobre o estudo.

**N.R.** – Está bom.

**M.N.** – Muito obrigada, boa noite.

[FINAL DA ENTREVISTA]